

Sexualidade e Relação de Gênero

2

Denise Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	
Denise da Silva Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4901916011	
CAPÍTULO 2	18
TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA	
Maria da Conceição Carvalho Dantas	
Denise Bastos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.4901916012	
CAPÍTULO 3	27
PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	
Michelle Araújo Moreira	
Thaís Borges Gally	
DOI 10.22533/at.ed.4901916013	
CAPÍTULO 4	43
INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
Karine Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4901916014	
CAPÍTULO 5	58
HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO?	
André Luiz dos Santos Barbosa	
Rejane Cristina Lages Rocha.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916015	
CAPÍTULO 6	73
CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4901916016	
CAPÍTULO 7	89
ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Xenusa Pereira Nunes	
Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4901916017	
CAPÍTULO 8	99
A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	

CAPÍTULO 9	107
A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL	
Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916019	
CAPÍTULO 10	116
A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS.	
José Edson da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.49019160110	
CAPÍTULO 11	125
CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	
Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.49019160111	
CAPÍTULO 12	133
IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.	
Patrícia Cerqueira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.49019160112	
CAPÍTULO 13	142
O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	
José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.49019160113	
CAPÍTULO 14	155
TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS	
Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata	
DOI 10.22533/at.ed.49019160114	
CAPÍTULO 15	169
UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA	
Jobson Rios dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160115	

CAPÍTULO 16	177
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE	
Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.49019160116	
CAPÍTULO 17	189
PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160117	
CAPÍTULO 18	203
LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160118	
CAPÍTULO 19	212
MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Lucas Leal	
DOI 10.22533/at.ed.49019160119	
CAPÍTULO 20	230
“VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM	
Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes	
DOI 10.22533/at.ed.49019160120	
CAPÍTULO 21	240
ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL	
Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160121	
CAPÍTULO 22	256
ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS)	
Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.49019160122	

CAPÍTULO 23	266
UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA	
Daniel Kamlot	
DOI 10.22533/at.ed.49019160123	
CAPÍTULO 24	277
FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA	
Marcos Ribeiro de Melo	
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160124	
CAPÍTULO 25	289
GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)	
Rayane Ribas Martuchi	
Ticiane Paiva de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160125	
CAPÍTULO 26	302
REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO?	
Lara Araújo Roseira Cannone	
Raissa Lé Vilasboas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.49019160126	
SOBRE A ORGANIZADORA	310

TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA

Maria da Conceição Carvalho Dantas

Profª Drª aposentada da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia – membro do NuCus – Núcleo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade

Denise Bastos de Araújo

Profª Drª da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia – membro do NuCus – Núcleo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade

RESUMO: Este artigo visa refletir sobre o vídeo Torpedo, a partir do trabalho de pesquisa de duas professoras da Rede Estadual de Ensino, com o propósito de ‘cruzar’ os dados das duas pesquisas que foram realizadas em escolas da Bahia. Embora realizadas com campos empíricos diferentes, apresentaram resultados semelhantes no que se refere ao olhar da docência sobre Torpedo, um vídeo de três minutos que relata a decisão de duas meninas em assumir publicamente uma relação amorosa. As metodologias contaram com a visualização do vídeo e aplicação de questionários para docentes e o aporte conceitual desse artigo está subsidiado pelos trabalhos de Judith Butler, Giroux e de Teresa De Lauretis.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Sexualidades; Lesbianidade; Tecnologias de gênero.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the video Torpedo, from the research work of two teachers of the State Education Network, with the purpose of ‘crossing’ data from the two surveys that were carried out in schools in Bahia. Both surveys, though carried out with different empirical fields, showed similar results as regards the teaching stare on Torpedo, a three-minute video that recounts the decision of two girls to publicly assume a love relationship. The methodologies used were video visualization and application of questionnaires for teachers and the works of Judith Butler, Giroux and Teresa De Lauretis subsidize the conceptual contribution of this article.

KEYWORDS: Education; Sexualities; Lesbianism; Gender technologies.

1 | INTRODUÇÃO

A escola é o lugar da construção e produção do saber, um espaço que potencialmente pode agregar infinitas discussões, mas também é o espaço de reprodução das normas hegemônicas, quando ignora determinadas temáticas possíveis para um diálogo frente à diversidade. A escola muitas vezes silencia sobre determinadas sexualidades, como se não existissem implicações em silenciar. Gênero

e sexualidades são construções sociais cujos arranjos permeiam toda a sociedade, inclusive dentro da comunidade escolar. Com o advento dos Estudos Culturais, dos movimentos feministas e LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – foi possível criar as condições para introduzir esse debate nos espaços escolares. Esse artigo vai discutir os resultados das pesquisas: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”: o performativo curricular – na análise de Torpedo um vídeo do Kit Escola sem Homofobia; e “Olhares e vozes da escola: elementos para a formação de políticas públicas para o respeito à diversidade sexual e de gênero”, a partir da exibição do vídeo Torpedo. Esse vídeo fez parte do Projeto Escola sem Homofobia e encontra-se disponível no canal youtube. Dessa forma, aqui se pretende em primeiro lugar, trazer o método utilizado, a sinopse do vídeo, depois o questionamento que foi aplicado em cada uma das duas pesquisas com os resultados encontrados e, por último, as nossas análises e considerações.

2 | MÉTODO

As duas pesquisas tomam como ponto de partida a exibição do vídeo ‘Torpedo’, e usa a ‘tecnologia de gênero’, de uma forma desconstrutiva, quando questiona a docência sobre a ausência do beijo no final da narrativa. O termo tecnologia de gênero é utilizado por Teresa De Lauretis (1994, p. 208), e criado a partir da ideia de tecnologia sexual, advinda de Foucault (1988), para explicar como as relações sociais se constroem a partir dos modelos que são veiculados pelas mídias.

O vídeo foi analisado pela ótica do ‘performativo curricular’, na junção dos conceitos de currículo e de performatividade de gênero, defendido por Butler (2010). Essa autora considera o gênero performativo por não ser nem uma afirmação, nem uma negação, mas sim práticas discursivas que produzem aquilo que nomeiam, porque criam verdades por meio de repetições de atos, ações que apresentam alguma equivalência com as estruturas sociais e culturais em que o sujeito está inserido e “[...] se cristalizam ao longo do tempo para produzir a aparência de substância, de uma espécie de ser natural” (BUTLER, 2009).

Giroux (2005) aborda que a pedagogia e o currículo têm que ser compreendidos por meio da noção de ‘política cultural’, no sentido de que o currículo não está só envolvido na transmissão de fatos, mas envolve a construção de significados e valores sociais, culturais, que atuam não só no nível da consciência pessoal ou individual, mas estão vinculados às relações sociais de poder e desigualdade. Para o autor estes significados que são impostos, são também contestados, pois argumenta que a escola é um território de luta, por ampliar a capacidade humana e habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades.

Assim, estas disputas reafirmam o caráter performativo do currículo e a necessidade de selecionar quais os atos e discursos serão valorizados e repetidos,

pois:

Como genealogia da ontologia do gênero, a presente investigação busca compreender a produção discursiva da plausibilidade dessa relação binária é sugerir que certas configurações culturais de gênero assumem o lugar do real e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem-sucedida (BUTLER, 2009, p. 58).

Dessa forma, se estabelece a nossa organização social baseada em uma heteronormatividade. Teresa De Lauretis (1994, p. 208-209) complementa esse argumento quando reconhece os meios que a sociedade e o binarismo se constrói e afirma que “as diferentes tecnologias sociais, como o cinema, os discursos, as epistemologias e práticas institucionalizadas, bem como as práticas da vida cotidiana” são as responsáveis pela formação do masculino e do feminino. Para essa autora, gênero é uma representação construída através da história pela produção da arte e da cultura erudita ocidental. Essa construção ocorre em todos os lugares, inclusive alguns inusitados, “na mídia, nas escolas públicas e particulares [...] na família nuclear, extensa ou mono parental”.

3 | O OLHAR SOBRE TORPEDO

O vídeo é uma animação com fotos, em que se ouve o diálogo ao celular entre Ana Paula e Vanessa, após serem surpreendidas com divulgação, por toda escola, de fotos que sugerem um relacionamento afetivo-sexual. Dentro da escola alguns estudantes, rapazes e moças, olham as fotos no computador com demonstração de surpresa, curiosidade, incredulidade, alguns com risos. Nas fotos que estão sendo divulgadas, as duas meninas sorriem de mãos dadas ou se abraçando. Elas vivem um dilema sobre as especulações de lesbianidade entre elas. Depois de discutir sobre a atitude a tomar resolvem enfrentar a situação. Sob o ruído da sirene que avisa a hora do intervalo, as duas meninas se dirigem para o pátio da escola. Cada uma anda firmemente por corredores diferentes, sempre acompanhadas pelos olhares da comunidade escolar. Encontram-se então, no pátio da escola, e decidem assumir o namoro com um abraço carinhoso, assistido por todos na hora do intervalo. Durante a maior parte da história (tempo 03 min e 59 s), as cenas retratam o ponto de vista das protagonistas; no final as imagens se desdobram numa multiplicidade de olhares sobre elas, que revelam as várias reações da comunidade escolar, enquanto uma delas pergunta: ‘quer namorar comigo?’ Ao que a outra responde: ‘Acho que a gente já tá namorando.’

4 | QUESTIONAMENTO DA PRIMEIRA PESQUISA

A pesquisa em Torpedo, como procedimento técnico, inicialmente foi pensada a partir de abordagens bibliográficas baseadas nos Estudos Culturais para analisar as

possíveis relações de poder existentes no vídeo, no sentido compreender quais os jogos de poder pelos quais se estabelecem as identidades, os significados sociais e culturais, que cada vez mais nos governam e são reiterados na escola, na mídia, a partir de currículos performativos. COSTA (2000, p. 24) cita Hall (2001), que reconhece a cultura como o local em que se dá a luta pela significação, cujos grupos subordinados tentam resistir à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos dominantes. Assim, os Estudos Culturais reconhecem as sociedades capitalistas industriais como lugares de divisões desiguais no que se refere à classe, etnia, sexo, divisões de gerações. (COSTA, 2000, p. 25).

Deste modo, surgiu a necessidade de realizar um curto trabalho de campo, três encontros, em uma escola pública estadual na cidade de Salvador/Ba, com doze professoras de Língua Portuguesa, durante o horário de AC – Atividade Complementar, para verificar se a docência percebia a ‘anormalidade’ apresentada em Torpedo, em função da ausência do beijo no final da história, que selaria o namoro entre as duas personagens/alunas. Isso em função de o beijo ser uma prática comum nas representações de afeto em casais heterossexuais no ocidente. Na lógica do performativo curricular existe a repetição de padrões heteronormativos, no entanto, Torpedo é um vídeo educativo, produzido com o propósito de desconstruir tais padrões. A partir daí, analisar qual a representação que as professoras têm da não heterossexualidade, o que pensam sobre a função da escola e as ações desenvolvidas nesta instituição, além de outras avaliações que fariam da história.

Para atender o objetivo deste artigo, vamos nos deter na segunda pergunta, do primeiro dia do encontro. ‘- O que você mudaria no vídeo?’

Onze professoras responderam a questão, mas nenhuma sinalizou a necessidade de mudar o final da história com um beijo apaixonado das protagonistas. Um dado curioso foi que, algumas professoras não entenderam de início, que as meninas eram lésbicas e formavam um casal: ‘partindo do princípio que duas moças, sei lá, amigas, podem perfeitamente, naturalmente se encontrarem em público, manifestarem carinho sem necessariamente serem lésbicas’. Outra resposta que identifica a representação da lesbianidade, dentro de estereótipos de que toda lésbica tem uma representação masculina: ‘achei as cenas, até certo ponto normais, francamente, num primeiro olhar não diria que as meninas são lésbicas, até pela maneira de se vestirem; elas se vestem femininamente, sendo assim mudaria também o traje das meninas para que ficassem mais masculinizadas’.

No momento em que as alunas/lésbicas subvertem a relação de coerência e continuidade, defendida por Butler (no conceito de identidade de gênero inteligível), percebemos como a estrutura dominante de gênero foi construída dentro de um padrão rígido, heteronormativo, pois o fato de uma mulher sentir afeto/desejo por outra, a ‘obriga’ a uma representação ‘masculina’, no sentido de não desestabilizar as categorias de sexo, gênero, prática sexual e desejo, impostas culturalmente.

Para outra professora: ‘[...] as cenas entre as meninas deveriam ser mais

apimentadas, pois como já mencionei anteriormente, achei as cenas, até certo ponto normais [...]’. As respostas podem ser avaliadas a partir de outro ponto importante que as professoras revelaram no texto, o fato do material não ser apelativo: ‘[...] é muito leve e sem agressões [...]’. A suposta falta de agressão no vídeo pode ser a ausência do beijo ou falta de cenas de sexo, comum na teledramaturgia brasileira, exibidas nos mais diversos horários, que retratam histórias de casais heterossexuais, em que a prática sexual, os beijos apaixonados são permitidos, repetidos e aceitos ‘naturalmente’. É na repetição desses atos, desses modelos, que determinados grupos tornam-se privilegiados em detrimento de outros, geralmente pouco ou sem nenhuma representatividade.

Os relatos de algumas professoras abordam a necessidade da intervenção pedagógica da escola, considerada omissa: ‘A falta de um trabalho de intervenção na escola causou constrangimento, sofrimento e elas sozinhas resolveram toda problemática’. Também falam sobre a falta de preparo dos professores em trabalhar com o tema na escola, afirmando a necessidade de cursos de formação para os professores para tentar diminuir as dificuldades em tratar a sexualidade no currículo escolar. Como afirma uma das entrevistadas, ‘[...] trabalhar a sexualidade no âmbito escolar é algo que demanda muita cautela e cuidado, pois cada ser tem uma bagagem da sua realidade, tanto social como cultural’.

O material avaliado no primeiro encontro mostra como a heterossexualidade é naturalizada, e a não heterossexualidade é estabelecida e compreendida em um patamar de anormalidade na representação do afeto, pois nenhuma professora opinou por mudanças no final da história para sugerir o beijo entre as meninas, cena tão comum, como já citada anteriormente, nos roteiros de novelas, filmes e propagandas para indicar um final feliz entre casais não heterossexuais. Apesar de algumas professoras terem abordado a necessidade de cenas mais explícitas e ‘apimentadas’ em Torpedo, este pode ser um indicativo que a compreensão da sexualidade se limita exclusivamente ao ato sexual.

5 | QUESTIONAMENTOS DA SEGUNDA PESQUISA

O questionário sobre Torpedo foi apresentado com o seguinte texto:

‘As tecnologias invadiram o mundo e a escola não ficou de fora. Mesmo sabendo que elas potencializam a aprendizagem, contextualizam o conhecimento e atuam como agentes motivadores para criança e jovens, nesse vídeo, a tecnologia é utilizada para comunicação entre duas meninas para depois ser convocada por seus/suas colegas para publicizar o namoro sem suas permissões, portanto, de forma antiética.

‘No caso das meninas, a divulgação de fotos sobre a relação afetiva que as envolve foi palco de escárnio dos/as colegas. Elas respondem assumindo a relação publicamente.

‘Você acha que esse vídeo poderia terminar com um beijo apaixonado entre as duas moças?’

A resposta ao questionamento podia ser dada ao marcar um X no sim ou no não, mas a pessoa entrevistada também podia justificar sua resposta em um espaço reservado. Para uma noção quantitativa das respostas, lanço mão das categorias entrevistadas e proponho a tabela a seguir:

	Sim	Não
Estudantes	27	10
Docentes	05	12
Apoio	06	09
Gestão	02	01
Total	40	32

Tabela 1: Resultado quantitativo da aplicação de questionários sobre Torpedo

À primeira vista, a totalização da tabela pode até dar alguma tranquilidade, porque mostra certo equilíbrio, até com supremacia, para as respostas que aceitam as expressões de afeto em público. Mas, olhando minuciosamente para os resultados, podemos perceber que a posição da docência chama atenção e é preocupante. Analisando os resultados, podemos afirmar que mais da metade da docência acredita que demonstração de afeto entre duas meninas não é algo admissível.

Um olhar qualitativo sobre algumas respostas que justificaram a presença do beijo no final do vídeo Torpedo nos mostra que o corpo de estudantes afirma que ‘[...] tem de parar de pensar que só homem pode ficar com mulher’, porque as pessoas ‘podem amar de formas diferentes’, afinal, elas ‘se gostam’ e escolheram uma ‘forma muito corajosa’ ‘para enfrentar as pessoas que estavam as sacaneando’, como também ‘para o mundo ficar acostumado a esse tipo de coisas’ e, assim, ‘acabar com o preconceito’, porque ‘não teria jeito melhor para quebrar esse tabu, que é a homossexualidade [...]’ e se ‘elas têm suas escolhas e enfrentaram a barra juntas, elas são felizes assim, isso que importa’.

A docência não vê a necessidade de beijo no final do vídeo e, para isso, justifica dizendo que ‘nem todo mundo está preparado para ver tais cenas, assim como elas gostariam de ser respeitadas, as pessoas que são homofóbicas também’. Além disso, ‘não seria necessário, pois suas ações (abraço e olhares) já expressam tudo’ e ‘[...] assumir a relação está de bom tamanho, um beijo apaixonado revela muita intimidade e intimidade só em quatro paredes’. Até porque ‘não há necessidade de um beijo para atestar publicamente a relação de namoro entre elas’, afinal de contas ‘não é o beijo que vai resolver a situação’ e, convenhamos, ‘adolescente ainda não sabe o que quer, pode ser uma amizade muito eloquente que pode terminar, [...] deve existir uma orientação, palestras’.

O paralelo foi feito propositadamente entre estudantes e professoras por causa

da distância entre as duas posições apresentadas na tabela. Nesse sentido, chamo atenção para a posição dos/as estudantes que, apesar de estarem sob os auspícios da orientação de alguns representantes da docência cujo preconceito aparece nas situações vividas nos vídeos, se posicionam de forma respeitosa para com a diversidade sexual.

O contexto da produção do vídeo remete ao Kit Escola sem Homofobia, pois ele faz parte dos materiais que tinham a pretensão de incluir os estudos sobre as sexualidades e gêneros nas escolas. Esse contexto de produção aponta para o modo de endereçamento de Ellsworth (2001), que vai tratar sobre a importância de conhecer o público escolhido, melhor dizendo, as produções cinematográficas e seus afins são realizados a partir da identificação de determinado público, considerando as bases do consciente e inconsciente. Dessa forma, tendo conhecimento desse ‘endereçamento’, a produção vai trabalhar para que a narrativa atinja o seu público. E, por pensar sobre o cinema na escola,

podemos dizer que a experiência do cinema/arte na escola está atrelada a duas dimensões principais: uma dimensão ético-política, pois democratiza o contato de crianças e jovens com a arte, considerada patrimônio da humanidade, independentemente de sua condição social, e uma dimensão estética ou da sensibilidade, daquilo que toca o sujeito de maneira especial e que o ajuda na construção e reconstrução de si [...] (REIS; BARONE, 2015, p. 46).

É por isso que o público é capaz de rir, chorar, de se indignar, torcer por determinado personagem, enfim, o filme, portanto, tem essa capacidade porque é produzido com esse propósito. Torpedo certamente foi pensado assim. O casal do vídeo envolve a audiência em função de seu desamparo. Elas estão sozinhas, afinal, parte do alunado foi maldosa ao disponibilizar suas fotos publicamente, quando fez a exposição de uma relação que não está dentro das normas sociais mais aceitas. Foi justamente por isto que a postagem aconteceu: para constranger as moças. Como as pessoas que fizeram a postagem demonstram que estão agindo de forma antiética, a tendência é que fiquemos ‘ao lado’ das protagonistas. Foi justamente essa forma de narrar, por esse endereçamento sugerido pelo Programa Escola Sem Homofobia, que fez com que parte da audiência se solidarizasse com as meninas.

O vídeo foi realizado nesse sentido, ele tem a intenção de despertar o sentimento de solidariedade e aceitação. Com algumas pessoas funcionou, com outras nem tanto. Por que não atingiu a docência? Deixo aqui outra pergunta: e se fosse um casal de meninas negras e ou masculinizadas?

As afirmativas apontam para a invisibilidade do namoro das duas meninas e demonstram certa ingenuidade, como se essas pessoas não conseguissem reconhecer a possibilidade de outras formas de relacionamento. Quando os aparatos tecnológicos de gênero investem nas sexualidades das pessoas, é percebível apenas quando aparecem de forma estereotipada. A homossexualidade é reconhecida ou ‘descoberta’ a partir de corpos do homem efeminado ou da mulher masculinizada. Ou seja, quando não se concretiza a sequência coerente sexo-gênero-desejo-práticas

sexuais, e se elas se embaralham (BUTLER, 2003), as sexualidades transgressoras dificilmente aparecem, tanto que não é raro escutar certos comentários do tipo: ‘ - É gay? É lésbica? Mas nem parece!’. Isso porque “o que o binarismo produz como norma da heterossexualidade pode suscitar também transgressões em corpos normativos, e esta é apenas mais uma das possibilidades de ser homem ou de ser mulher” (ARAUJO, 2014, p. 720).

6 | NOSSAS CONSIDERAÇÕES

Se em Torpedo as duas meninas se empoderaram ao assumir a relação afetiva como forma de combater o *bullying*, essa modalidade de ação pode criar, na audiência, a expectativa de que existe possibilidade de combater a homofobia na escola. Outra questão é que em Torpedo, as meninas decidem, mas o espectador não fica conhecendo os desdobramentos do ato delas. Como a escola se comportou? Será que aceitou a decisão das meninas ou reprimiu o namoro? Nessa direção, e considerando os resultados das duas pesquisas aqui apresentadas, concordamos que é de responsabilidade da escola instrumentalizar a juventude para reconhecer direitos e deveres, para saber se defender, inclusive contra o *bullying* homofóbico, já que, em casa, jovens LGBTs não partilham suas vivências ou, quando descobertos, sofrem sanções.

Além disso, defendemos também a necessidade de formações para docência e gestão que provoquem reflexões sobre como estas estruturas hegemônicas foram e são construídas, e como elas provocam a exclusão, discriminação, o preconceito, LGBTT-fobia, pois a possibilidade de existência de outras formas de afeto e práticas sexuais são possíveis e reais. Para Miskolci (2010), o termo ‘sexualidade’ deve ser (re-) pensado em termos mais amplos do que apenas como atos sexuais. A ampliação deste conceito deve abranger a forma como as pessoas se relacionam, desejam, amam, expressam afetos. Dentro dessa lógica, a sexualidade vai ser compreendida como algo além de decisões privadas, pois ela é criada e moldada pelo convívio no espaço público em vários processos de socialização que organizam boa parte da vida das pessoas.

Logo, não existe neutralidade na prática educativa, a escolha pelos elementos do currículo escolar definirá a intensão teórica, metodológica da escola, e assim, necessita ser ampliada, principalmente nesta atual conjuntura política em que as palavras gêneros e sexualidades foram retiradas do Plano Nacional de Educação (PNE) e do Plano Estadual da Educação do Estado da Bahia. Portanto, precisamos permanecer vigilantes, e em cotidiano ativismo, no sentido de combater qualquer ato de desrespeito com aquelas pessoas que nos dispomos a ensinar/cuidar.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, D. B. *Representações sociais de gênero na TV escola: uma análise feminista*. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9942>
- ARAUJO, D.B. *Olhares e vozes da escola: elementos para a formação de políticas públicas para o respeito à diversidade sexual e de gênero*. Orientador: Leandro Colling. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25813>
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares: ensino médio*. Secretária de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC-SEMT,1999.
- BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.p 15-49.
- DANTAS, M. C. C. “*Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é*”: o performativo curricular – na análise de Torpedo um vídeo do Kit Escola sem Homofobia. Orientador: Prof. Dr. Miguel Angel Garcia Bordas. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2014. <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15300/1/Maria%20da%20Conceicao%20carvalho%20Dantas%20Versao%2029.04.pdf>
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos traços do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora D&PA, 1997.
- GIROUX, H; McLAREN. Formação do Professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, A.F.B; SILVA, T.T.(orgs). *Currículo, cultura e Sociedade*. 8 ed – São Paulo, Cortez, 2005.
- GIROUX, H; SIMON, Roger. Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, A.F.B; SILVA, T.T.(orgs). *Currículo, cultura e Sociedade*. 8 ed – São Paulo, Cortez, 2005.
- MISKOLCI, Richard . (Org) *Marcas da diferença no ensino escolar*. São Carlos : EdUFSCar, 2010.
- REIS, M. P.; BARONE, L. M. C. *Uma experiência filmica na escola*. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 32, n. 97, 2015.
- TORPEDO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9q9nZUFB4ow>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490